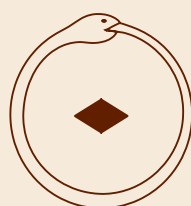


PRIMEIRO RELATÓRIO

ESCOLAS VIVAS

Fevereiro a abril de 2022

Cristine Takua



PRIMEIRO RELATÓRIO ESCOLAS VIVAS

Fevereiro a abril de 2022

por *Cristine Takua*

Quatro escolas vivas recebem oito mil reais por mês. O recurso, fruto de doações, é depositado no fundo da Saúva e repassado diretamente a elas. Trata-se de um apoio às existências dessas atividades indígenas, sem necessidade de projeto ou de prestação de contas.

Aqui é relatado o acompanhamento de cada projeto e compartilhado com todes que apoiaram, apoiam e venham a apoiar.



Huni Kuin



Maxakali



Guarani



Tukano

Janeiro e fevereiro de 2022

- Início das conversas com os responsáveis de cada escola viva para explicar sobre o projeto e sonhar de forma coletiva sobre como será utilizado o apoio financeiro.

Março de 2022

- Estabelecimento de contatos e visualização dos desafios do recebimento do incentivo. Momento de tirar dúvidas e projetar a futuro.

- Apoio e seguimento às gestões burocráticas em questões de conta bancária, nota fiscal e outros.

- Acompanhamento às atividades das escolas vivas através de ligações, chamadas de vídeo e mensagens. Recepção de fotos e vídeos das atividades realizadas.

- Seguimento dos desafios e situação das escolas vivas e das aldeias onde estão localizadas, realizando um panorama de cada contexto.

Abril de 2022

- Apoio na emissão dos recibos e notas fiscais.

- Envio da primeira transferência.

- Acompanhamento das atividades que estão sendo desenvolvidas.

- Colaboração na planificação dos sonhos e ações futuras de cada escola viva, pensando como será utilizado o recurso e quais atividades devem ser priorizadas.

O QUE FOI FEITO EM CADA ESCOLA VIVA?

Relatos da coordenadora

SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA DO POVO HUNI KUIN

Responsáveis: Kawa e Dua Buse Huni Kuin

Nos meses de janeiro e fevereiro, foram realizados diversos contatos com Kawa e o pajé Dua Buse para explicar sobre propostas de trabalho das escolas vivas, sobre incentivo financeiro e as futuras parcerias. Foram chamadas de telefone e de vídeo para conversar e pensar juntos sobre sonhos e expectativas. Dua Buse e Kawa comentaram que estão muito felizes e agradecidos, e que o apoio será fundamental para fortalecer o espaço da escola viva.



A comunicação também foi feita por via de cerimônia com nixi pae. Durante a força, a jibóia levou-me no Alto Rio Jordão, na escola viva Huni Kuin, onde fui recebida com um largo sorriso de Dua Buse. Ele e a jibóia me mostraram muitas coisas, como os trabalhos que estão desenvolvendo e os segredos e mistérios da floresta. Esses tipos de encontros especiais e espirituais fomentam e motivam à continuidade desse trabalho de transformação.

No começo do mês de fevereiro, Kawa tinha ido para aldeia no meio da floresta. Quando voltou, comentou sobre as conversas realizadas com Dua Buse. Fez um convite para visitarmos a maloca e disse que estão ansiosos para nos receber. Eu contei sobre a visita espiritual que tinha feito recentemente durante a cerimônia e Kawa ficou muito emocionado com essa sintonia.

Próximo ao final do mês, houve uma enchente do rio da aldeia. Kawa me solicitou ajuda, explicou sobre as dificuldades que enfrentam e disse que, quando a situação acalmar, será possível retomar a comunicação e os projetos da escola viva.

O mês de março foi um momento difícil na aldeia. Os alagamentos, devido às fortes chuvas que começaram em fevereiro, trouxeram como consequência perdas de roçados inteiros, casas danificadas e objetos de uso geral, afetando a vida comunitária na aldeia Huni Kuin.

Abril foi o mês dedicado aos diálogos sobre como seria feito o envio e recepção do apoio financeiro. Junto com Anna Dantes, realizamos várias conversas com Dua Buse e Kawa para intermediar e planejar o repasse do dinheiro. O contato também foi feito para explicar como deve ser preenchido o recibo e como será feita a transferência da primeira parcela do apoio para a escola no Coração da Floresta.



Foi combinado que uma parte do dinheiro seria destinado para Kawa, que está colaborando como mediador nos diálogos. A outra parte seria utilizada por Dua Buse para resolver questões de dívidas e organização de algumas situações comunitárias urgentes, e o restante reservaria para trabalhos específicos com a escola viva.

As últimas semanas de abril foram de planejamento da minha visita ao Acre como parte do projeto, que será realizada em maio, e sobre as expectativas e sonhos que o incentivo vai possibilitar. Essa viagem implica uma organização especial para a chegada, já que é feita em avião e barco até chegar à aldeia. Combinamos, então, de retomar a conversa presencialmente.

APNE IXKOT HAMHIPAK ALDEIA ESCOLA FLORESTA DO POVO MAXAKALI

Responsáveis: Sueli e Isael Maxakali

Durante o mês de fevereiro, a comunicação com Isael e Sueli não foi fácil, porque o sinal de telefone na aldeia é muito fraco. Depois de algumas tentativas sem sucesso, decidi conversar com o antropólogo Roberto Romero, que trabalha junto aos Maxakali, para solicitar ajuda para facilitar o contato e fazer de intermediador. Conteí sobre o projeto das escolas vivas e de como sonhamos que funcione. Roberto achou incrível a proposta e comentou sobre os sonhos da Escola Aldeia Floresta (www.aldeiaescolafloresta.org), que é imaginado por Sueli e Isael, seus criadores, como um espaço de troca de saberes, reflorestamento, recuperação de nascentes, oficinas de arte e cinema e fortalecimento do complexo musical, ritual e cosmológico conhecido como yãmĩxop.

Recomendo a todas e todas a visitarem o site desta escola viva. Na web oficial, estão disponíveis textos sobre apresentação (na aba “sobre”), além de fotos da aldeia em “cotidiano” e desenhos com o sonho para o futuro em “cartografia”. Tem um vídeo também com um registro da oficina de desenhos e uma fala de Sueli e Isael na aba “retomada”.

Só na metade do mês de fevereiro, após várias tentativas, foi possível contatar com Isael. Apresentei a ideia do projeto das escolas vivas e ele fez várias perguntas para tirar dúvidas. Isael expressou sua felicidade sobre a proposta e o apoio financeiro como incentivo para dar continuidade às atividades que estão realizando. Depois dessa conversa, Alexandre, filho de Isael, entrou em contato comigo para dizer que está muito feliz com a proposta do projeto, comentou que estão fazendo pinturas em tecidos para fazer vestidos e enviou algumas fotos.





Alguns dias depois, Roberto entrou em contato comentando que iria para aldeia e se oferecendo para dialogar com Isael, Sueli e a comunidade sobre as escolas vivas.

Em março, sem conseguir novamente contato com Isael e Sueli, foi realizada uma nova conversa com Roberto. Ele informou que tinha retornado recentemente da aldeia e muito preocupado. Roberto comentou sobre as complexas situações que os Maxacali estão vivenciando no momento, que envolvem as relações conflitivas com a vizinhança e a falta de estrutura da nova aldeia. Também disse que Sueli e Isael recebem constantemente as intensas demandas de problemas que, por serem lideranças, devem atender e intermediar.

Logo dessa conversa, foi realizada também uma reunião online com Roberto Romero, Paula Berbert e Anna Dantes para tentar colocar em dia a situação da Escola Viva Maxakali. Essa conversa também foi importante para alinhar as questões do repasse do recurso. Paula comentou sobre a situação dos maxacali, deixando muito clara a urgência de apoio à estruturação da nova aldeia devido ao contexto de retomada. Entre as necessidades identificadas se destacam o acesso à internet e apoio para pensar como seria utilizado o recurso destinado à aldeia escola floresta, assim como realizar o devido planejamento.

Depois de algumas semanas sem conseguir contato, Sueli finalmente conseguiu enviar algumas mensagens, relatando a atual situação da aldeia. Além disso, Sueli informou sobre as reuniões que realizaram para decidir qual seria a conta bancária onde será recebido o recurso, quais seriam as prioridades a serem atendidas inicialmente e enviou imagens das atividades que vem desenvolvendo.

Começo de abril foi um período de burocracias para a transferência do pagamento da primeira parcela de apoio à aldeia escola floresta. Isael e Sueli comentaram que estavam fazendo os preparativos para a realização de um encontro nos dias 18 e 19 de abril.

Com o pagamento da primeira parcela, Isael e Sueli ficaram muito agradecidos e disseram que com esse dinheiro pretendiam instalar a rede de internet para facilitar a comunicação com as outras aldeias maxakali, a compra e instalação de bomba de água, o fortalecimento das roças e a construção de um espaço para oficina, pintura e confecção de vestidos.



PONTO DE CULTURA "MÛJA ARANDU PORÁ" DO POVO MÛJA GUARANI

Responsável: Carlos Papá

No início de janeiro, conversei com Carlos Papá sobre o apoio do Selvagem para os trabalhos da tão sonhada escola viva. Um ponto desse diálogo foi sobre a minha coordenação das quatro primeiras escolas vivas a receberem esse apoio e de quanto isso será importante para o fortalecimento de nossos territórios e de nossas memórias ancestrais.

Como convivo e apoio os trabalhos realizados pelo Ponto de Cultura em minha comunidade, tenho acompanhado as ações no dia-a-dia, além dos sonhos e desafios enfrentados pelo coletivo. Carlos Papá compartilhou comigo sobre seu sonho de desenvolver atividades que dialoguem de forma mais próxima com a cultura guarani. Com o apoio financeiro, será possível fazer intercâmbio entre aldeias guaranis para troca de sementes, saberes que deixaram de ser praticados como cerâmica, tecelagem, entre outros. Outra ideia é utilizar esse incentivo na montagem de um laboratório para formação audiovisual de jovens comunicadores. Será possível também fortalecer o viveiro de mudas nativas para estudos da medicina tradicional guarani e também para a criação de abelhas nativas sem ferrão, um meliponário.

Durante o mês de março, foram realizadas algumas atividades de tradução e leitura de textos junto aos jovens. Isso foi importante para o fortalecimento linguístico.



Desde início de abril, eu e Carlos Papá estivemos envolvidos na produção do filme “Jepotá”, um longa-metragem de ficção, que foi filmado nas aldeias guarani do estado do Rio Grande do Sul. Esse filme vem sendo sonhado há 15 anos e vai trazer profundas reflexões sobre o Ser e Estar nos territórios, a busca pelo Bem Viver e todas as consequências do desequilíbrio das comunidades, devido ao agronegócio, a ordem e progresso. Djeguaka, nosso filho mais velho, está fazendo estágio como assistente de fotografia e registrando todo o processo.

Enquanto isso, no Ponto de Cultura na nossa aldeia, dois jovens, Leonardo e Marta, continuam fazendo os trabalhos de tradução e legenda de um documentário. Um outro grupo de jovens está cuidando do viveiro de mudas e também da opy'i, casa de reza.

Atualmente, com o recebimento do primeiro recurso, estamos pensando quais deveriam ser as ações que daremos continuidade e sonhando as que gostaríamos de iniciar assim que retornarmos para casa.



CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA “BAHSERIKOWI” DOS POVOS TUKANO, DESANA E TUYUCA

Responsável: João Paulo Barreto

Em fevereiro, foi a primeira conversa com João Paulo Barreto para comentar sobre o apoio financeiro para o trabalho que ele desenvolve junto ao pai e outros Kumuã. Coincidentemente, a conversa foi no dia do aniversário dele. João Paulo ficou muito feliz e emocionado com as boas notícias.

O diálogo continuou em outros dias e João Paulo relatou sobre os trabalhos já realizados no Centro de Medicina Indígena “Bahserikowi” e enviou algumas fotos e textos detalhando as atividades. O Bahserikowi disponibiliza para a sociedade em geral o “Bahsesé” (benzimento) dos povos indígenas Tukano, Desana e Tuyuca do Alto Rio Negro. Em conjunto com as plantas medicinais, trata das enfermidades tanto de cunho físico como psicológico. Além disso, é um projeto para fortalecer a identidade étnica, cultural e a organização social dos povos originários, constituindo-se também em uma fonte de renda para as famílias e comunidades. No espaço, irão funcionar os projetos de Medicina Indígena, Amazônia Originários e Cosmologias Indígenas e Saúde.



Em outra conversa, falamos sobre os valores, como seria o recebimento do incentivo e qual seria a proposta de trabalho. No início do mês de março, o diálogo foi em torno à organização do envio e recibo do apoio financeiro. Conversamos sobre a força e a beleza de poder estar apoiando o trabalho tão importante que ele faz no Centro.

Para o envio do apoio em abril, estive acompanhando a emissão da nota fiscal e outras gestões. João Paulo comentou que viajou à Bolívia para um evento da KOIKA. Depois de voltar da viagem, ele escreveu dando notícias e contando da imensa alegria dos Kumua em receber o recurso. Ele relatou que pela primeira vez estão se sentindo super valorizados.



Entre os planos iniciais que estão propondo para o Centro, João Paulo comentou que começaram a planificar três questões: atendimento gratuito aos indígenas; oferecimento de cursos de línguas indígenas (para a qual já estão montando módulos) e a produção de vídeos sobre práticas de saúde tukano para divulgação.

A meados de abril, João Paulo enviou algumas fotos das oficinas sobre cosmologias Yepa Mahsa (Tukano), a roda de conversa com os estudantes de antropologia da UFAM, de uma reunião com o presidente da Concultura de Manaus e da visita dos alunos da UFAM ao Bahserikowi.



Este relatório conta com a colaboração de Anai Vera.

Sou CRISTINE TAKUÁ, povo Maxakali, educadora, mãe, parteira, pensadora, gosto de cuidar das plantas e aprender com elas. Sou diretora do Instituto Maracá e venho junto com outras lideranças desenvolvendo projetos de fortalecimento cultural. Estudei Filosofia na Unesp de Marília e venho ao longo de anos pensando nas filosofias ameríndias e nas possibilidades de descolonização do pensamento, para contrapor a monocultura colonial que domina as formas de transmissão de conhecimento. Sou uma das fundadoras do Fapisp (Fórum de articulação dos professores indígenas de SP). Cuido do diálogo com as quatro escolas vivas, pensando em intercâmbios e contribuindo para a continuidade desses sonhos.

A SAÚVA é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha em rede, na promoção da sustentabilidade, autonomia e circularidade de projetos e empreendimentos; se motiva pela regeneração do ambiente em sua integralidade; pela redução da desigualdade social; pela troca de saberes com povos e culturas tradicionais do Brasil; pela prática da auto-educação e pela cocriação de outras formas de relação econômica.

ANAI G. VERA BRITOS é paraguaia e mora no Brasil. Estudou Biologia na UFMS, mas mudou de profissão ao virar mestra em Antropologia pela UFSC. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela USP. Pesquisa sobre a etnologia guarani e outros povos das terras baixas sul-americanas. Sonha com contribuir como enlaçadora e tradutora de mundos.

Contato: anaivera@usp.br

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

oferece gratuitamente cadernos, conversas, ciclos de leitura e audiovisuais.

Seu interesse e participação dão sentido e motivam nossa existência.

Caso deseje retribuir pelas atividades oferecidas,
sugerimos apoio às escolas vivas.